


---

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

---

**MARIANA DE BARROS BARBOSA**

**Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: perspectivas para sua compreensão e superação.**



Rio Claro  
2015

**MARIANA DE BARROS BARBOSA**

**Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: perspectivas para sua compreensão e superação.**

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Osti.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro

2015

372.41    Barbosa, Mariana de Barros  
B238d       Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar:  
              perspectivas para sua compreensão e superação. / Mariana de  
              Barros Barbosa. - Rio Claro, 2015  
              51 f. : il., figs.

              Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
              - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
              Rio Claro

              Orientador: Andréia Osti

              1. Alfabetização. 2. Fracasso escolar. 3. Ensino  
              fundamental. I. Título.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que sempre me acompanhou em cada passo do caminho, vezes caminhando ao meu lado e vezes me carregando em seus braços.

Aos meus pais Manoel e Marilza. Por serem meu alicerce e estarem sempre presentes em minha caminhada. Obrigada por todo amor, carinho e amparo nos momentos difíceis.

À minha irmã Marina.

À minha família, obrigada pela força e apoio moral que dedicaram a mim, durante toda a minha vida.

À meu sobrinho Guilherme, obrigada pela sua infância.

Aos meus tios Márcia e José Carlos, obrigada pelo enorme coração.

À minha tia Silvia, obrigada por toda a ajuda.

Aos meus avós, Myrthes e Dirceu, obrigada pelo exemplo de vida força e coragem.

À minha orientadora, Andréia Osti por ter aceitado me orientar neste trabalho, pelo exemplo de profissional e pessoa. Obrigada por toda atenção e carinho.

À Carol Varussa, Paula Varussa, Priscila Varussa e Jaqueline Ferreira, minhas amigas, que sempre me incentivaram e acreditaram em meu potencial.

À Lilian Dias, amiga-irmã que a vida me deu, obrigada por sempre estar ao meu lado, por todas as conversas, confissões e apoio, sem dúvida meu processo de formação não seria o mesmo sem você.

À Marli Dias, por todo apoio e pelo exemplo de ser humano.

À Laura Noemi Chaluh e a todos do Grupo de formação: diálogo e alteridade, obrigada pelas experiências, discussões e emoções compartilhadas.

À César Donizetti Pereira Leite e a todo grupo I-mago: Laboratório da Imagem, Experiência e Cri[ati]vidade, em especial a Silmara, Cleri, Sérgio, Bianca, Noemi e Vinícius, obrigada pelo acolhimento, reflexões, experiências e produções.

À Luana Oliveira, um dos melhores presentes que a UNESP me deu, obrigada pela amizade, incentivo, companheirismo e apoio durante essa jornada acadêmica.

À todos os meus colegas do projeto de extensão Formação de Professores para o Atendimento Educacional especializado à alunos com Dificuldades de aprendizagem. Foi aqui que tive a oportunidade de me aproximar da temática das dificuldades de aprendizagem e isso resultou neste trabalho, então obrigada a todos por todas as experiências, trocas e afeto.

À todos os professores que participaram do meu processo de formação, obrigada pelos saberes compartilhados.

As amigas de graduação, Fernanda Lustosa Almeida Damm, Juliane Marchiori dos Reis, Mariane Silva, Monise Pierozzi, Rafaela Montanari e Thainara Bonfante Gasparini. Obrigada pelos momentos de alegria, conversas, fofocas, brigas, por todos os trabalhos que realizamos juntas, e por todo crescimento pessoal e profissional que me proporcionaram, a graduação não seria a mesma sem vocês.

À todos os colegas de graduação, obrigada pelas experiências, conversas e saberes compartilhados.

À todos os docentes e discentes que participam ou já participaram do cursinho Atho-Ação Transformadora do Homem, do qual participei durante três anos como aluna, obrigada por todo ensinamento e compromisso que tiveram, sem vocês essa jornada não teria sido possível.

À todos os funcionários do Departamento de Educação e da Seção Técnica de Graduação, pela colaboração nesta empreitada.

À todos os funcionários da Biblioteca, obrigada por serem sempre atenciosos e dispostos a ajudar.

À Angela e Nilza, obrigada pelo carinho e pelas oficinas de origami.

À Tânia, Marli, Fernanda, Priscilla e Cecília, obrigada por seus ensinamentos e por todo conhecimento compartilhado comigo.

Não existem caminhos;

Os caminhos se fazem ao andar....

Caminhar pela existência se faz em parceria. Nenhum passo é isolado e sem propósito. Caminhamos ao lado do outro, junto com o outro, trocando com o outro as experiências vividas. E o caminhar se desdobra em caminhos e deixa rastros, e mostra que de cada passo se faz um andar novo e se abre um novo caminho... (PAIM, 2002, p.69)

## RESUMO

Dentro da minha participação no projeto de extensão “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem”, que atende alunos do Ensino Fundamental, os quais são apresentados pela escola como alunos com dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita, e tendo em vista a grande quantidade de materiais já publicados em relação a esse tema faz-se necessário um aprofundamento teórico para melhor compreender estas intituladas “dificuldades”. Haja vista, como elas são percebidas e diagnosticadas pela equipe escolar, trabalhadas no contexto da sala de aula, entendidas pelos pais e como estas dificuldades interferem na vida dos alunos. Sabe-se que devido a estas dificuldades muitos alunos acabam por produzir um sentimento de fracasso escolar, fato que acarreta, em muitos dos casos, a evasão escolar deste alunado. Diante da necessidade de se discutir temas tão urgentes apresento como objetivo deste estudo: caracterizar o que são dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e refletir quais são as possibilidades de intervenções pedagógicas dentro do contexto escolar que motivem e auxiliem na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Utilizando materiais como caderno de registros, atividades já aplicadas, e se debruçando sobre o conceito de fracasso escolar e de dificuldade de aprendizagem, a metodologia deste estudo se define como bibliográfica documental.

**Palavras-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Fracasso escolar. Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

Inside my participation in the “Teacher Education for the Educational Service of Students with Learning Disabilities” extension project, which serves elementary school students which are presented by the school as students with learning disabilities in reading and writing, and in view of the large amount of material already published in relation of this issue it is necessary theoretical depth to better understand these entitled “desabilities”. Considering as how they are perceived and diagnosed by the school team, worked in the context of the classroom, understood by the parents and how these difficulties interfere in the lives of these students. It is known that due to these difficulties many students end up producing a feeling of school failure, a fact that leads, in many cases, to the dropout of these students. Given the need to discuss such pressing issues I present as the goal of this paper: characterize what learning to write and reading difficulties really are and speculate what are the possibilities of educational interventions within the school context to motivate and assist in overcoming the students’ learning difficulties. Using resources such as a record notebook, activities already implemented, and leaning on the concept of school failure and learning difficulties, the methodology of this study is defined as documentary literature.

**Keywords:** Learning Difficulties. School Failure. Elementary School.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Ditado de campo semântico.....	30
<b>Figura 2-</b> Ditado ADAPE.....	33
<b>Figura 3-</b> Escrita a partir da organização temporal de uma história em quadrinhos....	35
<b>Figura 4 –</b> Reconto da história Lino de André Neves.....	37
<b>Figura 5-</b> Atividade de identificação da sílaba inicial.....	40
<b>Figura 6-</b> Atividade de identificação da sílaba medial.....	41
<b>Figura 7-</b> Atividade de detecção de rimas.....	42
<b>Figura 8-</b> Atividade de comparar palavras que rimam.....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM LEITURA E ESCRITA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Algumas considerações sobre dificuldades de aprendizagem.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.....</b>	<b>16</b>
<b>3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Possibilidades de intervenção para as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita.....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática das dificuldades de aprendizagem sempre me interessou, pois durante meu percurso escolar percebia que muitos alunos por mais que tentassem, simplesmente não conseguiam aprender determinados conteúdos e não havia nenhuma razão ou deficiência aparente para isso e com frequência o que acabava acontecendo, era a rotulação destes alunos como incapazes, burros ou mesmo preguiçosos. O sentimento negativo do professor perante estes estudantes acabava por produzir uma baixa autoestima destes, que também sofriam com a indiferença dos seus próprios colegas de sala. Por fim estes alunos acabavam sendo muitas vezes esquecidos dentro da sala de aula e não se criavam muitas expectativas de que conseguissem ir muito além nos estudos, ou como os professores diziam “ser alguém na vida” e isso sempre me incomodou.

Durante minha formação acadêmica, foram poucas as disciplinas ou momentos em que tivemos a oportunidade de ter contato com este tema, até que no final de 2012 quando cursava a disciplina: “Metodologia do Ensino Fundamental: Alfabetização”, na qual tive a oportunidade de conhecer a professora Andréia Osti, que foi quem lecionou esta disciplina, tive então a possibilidade de trabalhar e conhecer um pouco mais sobre esta temática. Lembro-me do dia em que ela apresentou uma proposta para um projeto de extensão que envolveria um trabalho com os alunos que possuíam dificuldades de aprendizagem e logo me interessei por participar deste, pois essa era uma oportunidade de, além de aprender sobre as dificuldades também ter um contato real com os alunos que as possuíam.

Segundo Sánchez (1998, apud OSTI, 2012), a história das dificuldades de aprendizagem é dividida em três etapas, sendo que a primeira é a de fundação e abarca toda a época anterior a fundação oficial do campo das dificuldades de aprendizagem. A segunda é intitulada de primeiros anos e tem início em 1963, indo até 1990, sendo marcada pela reunião de pais que foi realizada em Chicago com vários médicos e outros especialistas com o intuito de promover explicações sobre estas dificuldades. Nesta etapa são abandonados os modelos médicos e passa-se a incluir modelos institucionais e educativos. A última etapa é a de projeção, que se inicia nos anos noventa e caracteriza-se pelo envolvimento de vários profissionais, pesquisadores e pais tanto na área educacional como clínica, havendo uma grande evolução de estudos nessa área.

O projeto de extensão citado anteriormente é intitulado “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem” e

atende alunos do Ensino Fundamental de duas escolas do município de Rio Claro, uma estadual e outra municipal. Estes alunos são apontados pela escola como crianças com dificuldade de aprendizagem em leitura, escrita e matemática que também apresentam, além da queixa de dificuldades, baixo desempenho e atraso escolar por não conseguirem acompanhar os conteúdos do ano escolar em que se encontram matriculados.

Participam deste projeto alunos voluntários e bolsistas do curso de graduação em Pedagogia e Matemática que vão para as escolas parceiras uma vez por semana e lá realizam uma intervenção pedagógica individual ou grupal das crianças atendidas. São realizadas reuniões com a professora orientadora do projeto com o intuito de realizar discussões teóricas e expor as vivências dos alunos, onde também a partir das dificuldades encontradas pelos mesmos são feitas sugestões de atividades e intervenções. Os atendimentos realizados junto aos alunos com dificuldades de aprendizagem são executados uma vez por semana e relatados através de um caderno de registros de cada discente que participa do projeto.

Este projeto tem como objetivo contribuir para a formação desses futuros professores e também dos professores que já lecionam na rede e aceitam participar deste, assim estabelecendo uma parceria entre escola e universidade. Busca-se refletir e desenvolver ações que minimizem e auxiliem na superação dessas dificuldades de aprendizagem. A partir desses estudos e atendimentos realizados pelo projeto faz-se necessário um aprofundamento desta temática, pois

Embora as dificuldades de aprendizagem tenham se tornado o foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, elas ainda são pouco entendidas pelo público em geral. As informações sobre dificuldades de aprendizagem têm tido penetração tão lenta que os enganos são abundantes [...] (SMITH; STRICK, 2012, p.15)

O que podemos perceber é que desde a formação para docência este assunto ainda é pouco trabalhado e discutido, fato que não deveria ocorrer, pois conforme está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), em relação a diversidade a ação do professor em sala deve contemplar a história educativa, diferenças sociais e culturais dos alunos, assim como também levar em conta as características pessoais de déficit sensorial, motor, psíquico ou superdotação intelectual, buscando garantir condições de aprendizagem a todos adotando medidas que atendam as suas necessidades, procurando resgatar a autoestima daqueles que necessitarem.

Sendo assim, para além do aspecto formativo, nota-se também que há certa dificuldade do professor em entender e compreender que, por mais que os alunos possuam a mesma idade cronológica, há diferenças no ritmo de aprendizagem de cada um, pois cada aluno tem o seu próprio tempo para aprender. Essa realidade, pode levar muitas vezes a certo engano em relação a capacidade da criança que não aprende no tempo esperado ou predeterminado pelo calendário escolar.

Diante do exposto e da minha participação no projeto, tomamos como ponto de partida a necessidade de melhor caracterizar as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, para compreendê-las e realizar uma reflexão quanto às possibilidades dos docentes trabalharem com estes alunos em sala de aula, de forma que essas dificuldades sejam minimizadas ou superadas gerando assim uma maior autoconfiança e motivação em aprender para estes alunos.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, realizamos levantamento bibliográfico a fim de mapear a produção científica em relação às dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, para o aprofundamento sobre a temática levando em consideração à produção científica dos últimos cinco anos. Também faremos uso dos registros e de algumas atividades realizadas com um dos grupos de crianças que participam do projeto de extensão “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem” no período de 2012 a 2014, sendo que estes se configuram como documentos de pesquisa.

Partimos do pressuposto de que os registros e atividades realizadas através do projeto se configuram como documentos de pesquisa e investigação, dadas estas características a pesquisa se define como bibliográfica-documental. Nesse sentido Gil (1999, p. 66) aponta que

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Posteriormente a todo o levantamento bibliográfico e o levantamento dos documentos, realizamos leituras e análises de modo a organizar e sistematizar os mesmos de acordo com os objetivos propostos.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos alguns fatores relacionados a aprendizagem, posteriormente explicitamos como o conceito de dificuldade de aprendizagem tem sido trabalhado na literatura; também discorremos mais especificamente sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita que são o foco deste estudo, apresentando os vários processos que estão implicados nas mesmas. O segundo capítulo trata de como as dificuldades de aprendizagem tem sido concebidas e trabalhadas no âmbito escolar, também trazemos algumas atividades que podem nos ajudar a pensar em algumas possibilidades de intervenção junto aos alunos que possuem dificuldades. Por fim apresentamos as considerações finais.

## **2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM LEITURA E ESCRITA**

Antes de falar sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, farei algumas considerações sobre a aprendizagem, expondo como o conceito de dificuldades de aprendizagem tem sido visto e trabalhado por alguns autores. Em seguida tratarei então mais especificamente das dificuldades em leitura e escrita.

### **2.1 Algumas considerações sobre dificuldades de aprendizagem**

Aprender é um processo amplo, complexo e contínuo que se inicia desde nosso nascimento e vai se dando de acordo com nossa maturação biológica e psicológica. Na visão de Gómez e Terán (2009, p.31) “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo.”, contudo o processo de aprendizagem para além dos aspectos cognitivos abarca também as relações sociais uma vez que é sempre na relação com algum objeto ou com o outro que a aprendizagem acontece. Para Osti (2012, p. 33) a aprendizagem envolve

[...] um processo constante de equilíbrio e desequilíbrio, uma reorganização interna do que é assimilado para posteriormente adquirir novos conhecimentos, consiste, pois, na modificação dos esquemas cognitivos.

A aprendizagem então é um processo de construção de conhecimentos, no qual estamos sempre aprendendo seja para encadear novos pensamentos e experiências ou para ressignificar o que já conhecemos e/ou compreendemos. Gómez e Terán (2009, p. 30) asseguram ainda que “aprender é um processo complexo e multifacetado que apresenta bloqueios e inibições em todos os seres humanos.”, com isso podemos inferir que nem sempre a aprendizagem ocorre de maneira tranquila e natural, pois mesmo que tenhamos facilidade para assimilar e compreender algumas coisas, sempre haverá outras que nós teremos mais dificuldade para aprender, contudo essa dificuldade não significa que a aprendizagem não possa ocorrer.

Em relação a dificuldade de aprendizagem, alguns estudiosos a retratam como “[...] problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações.” (SMITH; STRICK, 2012, p.14). Nesta perspectiva os autores tratam da dificuldade de aprendizagem estritamente como um problema neurológico. Uma outra visão sobre o tema é apresentada por Osti (2012, p. 47) que afirma:

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar.

Nesta perspectiva a dificuldade de aprendizagem é associada para além dos fatores neurológicos, abarcando também fatores psicológicos, biológicos e ambientais. Percebemos então que estas dificuldades podem ser geradas tanto por fatores intrínsecos como fatores extrínsecos ao ser humano, uma vez que “um cérebro com estrutura normal, com condições funcionais e neuroquímicas corretas e com um elenco genético adequado, não significa 100% de garantia de aprendizado normal.” (Rotta, 2006, p.113). Isto porque a aprendizagem não depende apenas desses fatores, outros aspectos como os estímulos que serão oferecidos a criança e o ambiente em que esta vive também são determinantes para seu desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo Smith e Strick (2012) dentre os fatores orgânicos que contribuem para a dificuldade de aprendizagem estão: patologias como encefalite e meningite, desnutrição, falhas ou alterações no desenvolvimento cerebral, hereditariedade, desequilíbrios químicos e em alguns casos as lesões cerebrais também podem ser responsáveis pela dificuldade. Já os fatores ambientais envolvem os estímulos oferecidos a criança tanto no ambiente familiar como no escolar, materiais e metodologia de ensino. Em relação aos aspectos psicológicos Gómez e Terán (2009, p. 102) alertam que

As crianças respondem emocionalmente diante de diferentes situações como divórcios, problemas familiares, superproteção, rivalidade entre irmãos, morte de pessoas próximas, situações novas, etc. Devemos estar muito atentos às reações das crianças, buscando a forma de ajudá-las a manejar e elaborar estas situações, já que podem ser afetados diferentes âmbitos da sua vida, incluindo a aprendizagem.

Este aspecto envolve principalmente a autoestima, ansiedade e como a criança consegue se autorregular diante de suas vivências sejam elas positivas ou negativas. Levando em consideração que a aprendizagem passa pelo sistema nervoso central Smith e Strick (2012, p. 27) relatam que “[...] especialistas acreditam que alguns indivíduos desenvolvem dificuldades de aprendizagem porque partes de seus cérebros simplesmente amadurecem mais devagar que o habitual.”, este aspecto é bastante relevante para ser considerado, uma vez que



cada ser humano é único e por mais que sejam estabelecidos determinados padrões para o desenvolvimento que são semelhantes para a maioria, não serão todos que conseguirão se encaixar dentro destes, pois cada ser humano é diferente do outro, ou seja, amadurecemos e respondemos aos estímulos de maneiras diferentes. Gómez e Terán (2009) relatam também que algumas disfunções e alterações do sistema nervoso central podem se originar durante a gravidez, através de doenças virais, falta de nutrientes, alcoolismo, tabagismo, drogas, entre outros; durante o parto com a falta de oxigenação, baixo peso, desnutrição, infecções neonatais e prematuridade; e após o parto por meio de acidentes e traumas neurológicos, infecções, intoxicações e desnutrição.

Nesse ponto é necessário destacar a diferença entre distúrbio de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem. Concordo com Osti (2012), quando esta explica que a diferença entre estes dois termos é bem sutil, e destaca que o distúrbio se refere a um problema mais intensificado com um comprometimento neurológico e orgânico maior, enquanto a dificuldade de aprendizagem deriva de problemas como falta de motivação e estimulação, inadaptação, sendo que estes problemas não se encontram somente no aluno e por isso mesmo a dificuldade pode ser trabalhada na sala de aula, porém quando não tratada pode vir a se tornar um distúrbio. A autora ainda explicita que o diagnóstico da dificuldade de aprendizagem,

[...] deve ser feito por uma equipe interdisciplinar envolvendo o médico da criança, um pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta, envolvendo também o professor e a família. Somente através de uma anamnese realizada com a família da criança, caracterizando a queixa apresentada pelo professor, fazendo um exame clínico que procure investigar possíveis disfunções neurológicas no sistema nervoso central, uma avaliação psicopedagógica que identifique o nível e as condições de aprendizagem dessa criança e de um exame psicológico objetivando analisar características pessoais, patologias, é que será possível ter a certeza e comprovar uma dificuldade de aprendizagem ou um distúrbio de aprendizagem. (Osti, 2012, p.56)

García, J. (2010) também reforça que o diagnóstico da dificuldade deve ser feito de maneira diferenciada em relação aos outros transtornos próximos, pois uma pessoa pode possuir além da dificuldade outro transtorno e por isso é necessário classificar ambos, sabendo que se tratam de dois transtornos superpostos. Alguns exemplos são:

- o transtorno por déficit de atenção e hiperatividade (attention deficit hyperactivity disorder: ADHD);
- os transtornos da fala [...], como a gagueira e a linguagem confusa;
- outros transtornos da infância, meninice ou adolescência, como o mutismo seletivo ou o transtorno por déficit de atenção indiferenciado;
- a deficiência mental ou os transtornos generalizados do desenvolvimento. (GARCÍA, J., 2010, p. 73)

Uma definição mais atual das dificuldades de aprendizagem é retratada por Osti (2012), quando esta considera que estas são entendidas como um grupo heterogêneo de transtornos que podem afetar crianças, adolescentes e adultos se manifestando por meio de atrasos ou dificuldades na escrita, leitura e cálculo. Neste estudo trataremos mais especificamente das dificuldades em leitura e escrita.

## **2.2 Dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita**

Aprender a ler e a escrever exige um grande esforço tanto por parte do professor quanto do aluno. Este aprendizado é desenvolvido ao longo de várias fases que podem demorar mais ou menos conforme o ritmo do aluno, sendo que o desenvolvimento de algumas capacidades serão necessárias para que este processo aconteça, tais como relata Zorzi (2009, p.153):

- 1- O desenvolvimento de uma capacidade para segmentar palavras, partindo destas como um todo, passando pelas sílabas e chegando ao nível dos fonemas, identificando-os e gerando um conjunto;
- 2- Uma capacidade para compreender, ou constatar que as diferentes palavras constituem-se a partir da combinação dos fonemas que compõem tal conjunto.
- 3- Compreender que, para cada fonema existe, no mínimo, uma letra para representa-lo. Isto significa aprender o valor sonoro das letras e estabilizar as correspondências fonemas-grafemas. Desta forma, a um conjunto limitado de fonemas também corresponde um conjunto limitado de símbolos gráficos.
- 4- Compreender que, para escrever uma palavra, o ponto de partida é analisar sua estrutura sonora, identificar cada um dos fonemas componentes e atribuir a eles as letras correspondentes.
- 5- Compreender que, para ler, deve-se atribuir às letras os sons que elas representam, unir os fonemas em sílabas e as sílabas em palavras.

Percebe-se então que para iniciar este processo da escrita é necessário conhecer os sinais gráficos que correspondem a escrita (alfabeto), compreender que para escrever só utilizamos letras e não números e estabelecer uma conexão entre as letras e seus sons

(fonemas) compreendendo que sons parecidos ou iguais podem estar em palavras diferentes. “Graças a este entendimento são gerados os mecanismos de leitura (letras transformam-se em sons) e os de escrita (sons transformam-se em letras).” (ZORZI, 2009, p.154).

Em relação as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem estas “[...] podem ter como características problemas com a memória visual e auditiva, orientação espaço-temporal, esquema corporal e discriminação visual e auditiva.” (GARCIA, L., 2010, p.25), a isso também soma-se a coordenação motora fina que é necessária para realizar a grafia das palavras. Todas estas características citadas interferem na capacidade de aquisição da escrita e leitura, uma vez que dificultam a percepção da criança quanto a grafia, sons e ordem das palavras e no modo de proceder a escrita e a leitura que devem ser feitas de cima para baixo da esquerda para a direita, lembrando que estas capacidades devem estar desenvolvidas antes mesmo de se iniciar o processo de alfabetização, pois caso não estejam a criança certamente irá ter uma dificuldade para ler e escrever, para grafar as letras e organizá-las no espaço da linha do caderno.

De acordo com Smith e Strick (2012, p. 44) os problemas visuais que as crianças com dificuldades possuem

[...] não é com a sua visão, mas com o modo como seus cérebros processam as informações visuais. Essas crianças tem dificuldade para entender, interpretar e organizar e/ou recordar todo tipo de informações não verbais. Na escola todo o mundo dos símbolos escritos- não apenas nas letras e palavras, mas também números e símbolos matemáticos, diagramas, mapas, quadros, gráficos e tabelas- podem se tornar um problema para elas.

A dificuldade então, não estaria relacionada a uma deficiência visual, mas sim na maneira de processar os estímulos visuais recebidos. Com relação a coordenação motora fina os mesmos autores apontam que estes alunos possuem dificuldades em controlar pequenos grupos de músculos das mãos.

Ao realizarmos uma leitura colocamos em funcionamento vários processos, cognitivos que são interligados. Segundo García, J. (2010) estes processos incluem módulos perceptivos, léxicos, sintáticos e semânticos.

No módulo perceptivo a extração da informação é realizada através da memória, na qual se realizam as tarefas de reconhecimento e análise linguística, que pode partir do reconhecimento global das palavras ou do reconhecimento prévio das letras. No módulo léxico, a recuperação do conceito associado a unidade linguística pode ser feito através de

dois caminhos; um caminho direto, ou visual, ou ortográfico que possibilita a conexão do significado com os sinais gráficos, por meio da memória global das palavras; ou um caminho indireto ou fonológico, no qual a recuperação da palavra se dá através da transformação de grafemas a fonemas. Já o módulo sintático inclui a ordem e o papel das palavras, seus significados e sinais de pontuação que devem se ajustar ao sentido do que é expresso na leitura. O módulo semântico envolve a extração do significado da mensagem e do que as suas partes representam. Sendo assim qualquer falha nestes processos pode resultar em uma dificuldade de leitura, além disso, para uma leitura eficiente é necessário extrair os aspectos, explícitos e implícitos do texto.

Geralmente nós não nos damos conta de que precisamos realizar tantas conexões e processos durante o ato da leitura e escrita, isso deve-se ao fato de que é porque estes já se encontram internalizados em nós e por isso os realizamos naturalmente, porém é preciso ter consciência de que para uma criança que se encontra em processo de alfabetização isso não é fácil, e mais difícil o é para uma que possui dificuldades de aprendizagem.

A aquisição da leitura e da escrita são fundamentais uma vez que estas compõem “[...] uma habilidade que faz parte do cotidiano das pessoas. Em um mundo globalizado, a leitura se torna uma ferramenta de afirmação social.” (OLIVEIRA et al., 2009, p.149), indo além de apenas decodificar/decifrar códigos, mas visando também a compreensão de todo o contexto que a envolve. É preciso entender que no processo de leitura o leitor é um sujeito histórico e social e tem percepção do mundo que o cerca. Para Oliveira et al. (2009, p.160), a leitura e a escrita são “[...] uma habilidade básica para a aprendizagem dos conteúdos das diferentes disciplinas [...] então é possível que aqueles alunos com dificuldades específicas em leitura apresentem dificuldades em outras disciplinas.” .

De acordo com García, J. (2010) a dificuldade de aprendizagem da leitura é definida por um déficit no desenvolvimento da compreensão e reconhecimento de textos escritos. Este transtorno é denominado dislexia ou transtorno do desenvolvimento da leitura e sua manifestação ocorre através de uma leitura oral lenta com omissões, distorções e substituições de palavras, com correções, interrupções e bloqueios em que também é afetada a compreensão leitora. O curso dependerá da gravidade, se for leve este pode ser superado através de intervenções e não haverá sinais dele na idade adulta, se for grave mesmo com o tratamento ainda haverá sinais do transtorno. Cabe esclarecer que devem ser suprimidos do diagnóstico

desse transtorno a deficiência mental, déficits auditivos e visuais e a escolarização escassa e inadequada.

Nesse sentido Zorzi (2009, p.163) explicita que “diversas podem ser as razões pelas quais as crianças não conseguem ser alfabetizadas. Para maior parte delas não se cria, dentro da escola, uma alternativa ou abordagem que leve a superação das dificuldades que aparecem.”. Percebemos então que a falta de abordagens e intervenções que auxiliem para a diminuição e até mesmo na superação dessas dificuldades de aprendizagem, fazem com que o aluno vá passando de ano sem realmente aprender o que é necessário, gerando assim um sentimento de fracasso escolar que Osti (2012, p. 7) considera como sendo “[...] uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola.”.

Com relação a escrita García, J. (2010) discorre que esta não é leitura e abrange habilidades diferentes, as quais é preciso ensinar e treinar. Aponta que ela envolve módulos de planejamento, módulos sintáticos, módulos léxicos e módulos motores.

O módulo de planejamento envolve a tomada de decisão sobre a finalidade e o conteúdo que se deseja escrever, de modo a selecionar as informações coerentes com o objetivo. O módulo sintático envolve a escrita do texto de acordo com as estruturas gramaticais da língua em que se escreve, enquanto os módulos léxicos fazem referência a seleção de palavras adequadas para se encaixar no texto. Os módulos motores envolvem os movimentos que devemos fazer para escrever cada letra. A alteração destes módulos caracterizam-se em disgrafias ou dificuldades de aprendizagem na escrita. Gregg (1992, apud García, J., 2010, p. 191) destaca que “a gravidade do problema pode ir desde erros na soletração até erros na sintaxe, estruturação ou pontuação das frases, ou na organização de parágrafos.”.

Outro fator que merece ser destacado em relação as dificuldades de aprendizagem é o fato de que “quando o processo ensino aprendizagem não alcança êxito, embora existam outros fatores, as causas geralmente são buscadas somente no estudante, o qual se torna referência de incapacidade, tornando-se o único responsável pelo seu fracasso.” (SILVA; PICCOLO, 2010, p. 195). Ou seja, desde cedo estes alunos vão sendo levados a acreditar que a não aprendizagem deve-se única e exclusivamente a um problema ou incapacidade dele, assim dentro deste contexto as crianças com dificuldades vão produzindo um sentimento de fracasso escolar.

O que se pode perceber é que neste campo os profissionais da educação ainda estão pouco sensibilizados e preparados para lidar com este contexto dentro da sala de aula. Este fato pode ser observado sob duas lentes. A primeira deve-se ao fato de que falta uma formação mais específica destes profissionais acerca desta temática, a segunda pode ser constatada pela dificuldade que os professores têm em compreender que as diferenças fazem parte de seu trabalho. Por mais que as crianças se encontrem na mesma idade e série, cada uma tem um ritmo e aprende de maneiras diferentes uma vez que o processo de ensino e aprendizagem é individual e dificilmente conseguimos atingir a todos ao mesmo tempo e da mesma maneira, com isso faz-se necessário que o professor utilize diferentes métodos, atividades e estratégias de modo a conseguir abarcar todos os ritmos de aprendizagem dos alunos. Desse modo

Para aqueles professores que querem de fato mudar as suas práticas pedagógicas de maneira a obter melhores resultados do ponto de vista da aprendizagem dos alunos, seria preciso tornar claras as representações que eles têm sobre as crianças, sobre essas concepções de mente que são assumidas quase inconscientemente e que acabam tendo grande influência na escolha das maneiras de ensinar. (CORDEIRO, 2009, p. 27)

Nesse sentido, há grande importância nas relações que são estabelecidas entre professor/aluno, uma vez que o próprio processo de ensino e aprendizagem envolve as relações entre sujeitos e quando não são criados mecanismos que levem a superação dos entraves que surgem no decorrer desse percurso, gera-se esse sentimento de fracasso escolar que por decorrência acaba ocasionando a evasão escolar dos alunos.

Assim,

Os professores devem estar, ou melhor, devem ser habilitados para detectar os sintomas das dificuldades de aprendizagem e saber como trabalhá-las em classe. Uma de suas principais tarefas, além de perceber a dificuldade de aprendizagem, é solicitar o encaminhamento para providenciar o diagnóstico e meios para um atendimento adequado. (OSTI, 2012, p. 55-56)

Percebemos a necessidade de estudos e de uma formação não somente para os professores, mas também de toda equipe escolar que levem ao entendimento das necessidades que estes alunos apresentam adotando meios, recursos e metodologias que levem a superação destas dificuldades, possibilitando assim que a aprendizagem ocorra. Reside aqui a importância da parceria entre a escola e família que também é fundamental para o desenvolvimento do aluno, sob este aspecto

A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. É importante que pais, professores e filhos/alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões envolvidas em seu dia-a-dia buscando compreender as nuances de cada situação, uma vez que tudo o que se relaciona aos filhos tem a ver, de algum modo com os pais, bem como tudo o que diz respeito aos alunos tem a ver, sob algum ângulo, com a escola. (GUIDETTI; MARTINELLI, 2009, p. 301)

Cabe ressaltar que não devemos ficar procurando responsabilizar ou culpabilizar o aluno ou professor pelo fato da não aprendizagem uma vez que

A responsabilidade do ensinar e do aprender é uma responsabilidade compartilhada. No processo pode haver pedras, altos e baixos, situações de risco; a responsabilidade compartilhada entre a pessoa que ensina e a que aprende exime de culpas. A culpabilização da pessoa que aprende ou da que ensina impede o entendimento da necessidade da responsabilidade. Um pai ou professor deve compreender que quando o sujeito aprendeu, quando for capaz de dizer 'aprendi', já não necessitará mais dessa pessoa que estava na posição de ensinar. (GÓMEZ; TERÁN, 2009, p.103).

Além disso, temos que levar em conta que as condições salariais e ambientais não tem favorecido o trabalho do professor. As salas de aulas com muitos alunos, a falta de materiais e também a falta de apoio ao professor por parte da coordenação pedagógica são fatores que comprometem o trabalho do docente. Lembrando que enquanto o professor está lecionando o processo de aprendizagem ocorre entre ambas as partes (professor e aluno), uma vez que ao ensinar o professor aprende e o aluno ao aprender também ensina.



### **3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA.**

Neste capítulo irei discorrer sobre como as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita tem sido concebida pelos profissionais da educação. Também irei expor algumas possibilidades de trabalho e intervenções junto a estes alunos de acordo com dados relativos a um grupo de crianças que participam do projeto de extensão universitária “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem”, citado anteriormente.

#### **3.1 Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar**

O número de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita tem sido cada vez maior. Dentro deste contexto, os estudos e publicações relacionados a temática da alfabetização tem sido crescente, contudo ainda hoje não há um consenso entre os pesquisadores sobre qual é o melhor método para se alfabetizar, talvez por que não existam receitas a serem seguidas, uma vez que

[...] a aprendizagem da língua escrita é um processo multifacetado: tanto a tecnologia da escrita quanto o uso dela têm diferentes facetas, envolvem diferentes competências, fundamentam-se em diversos referenciais teóricos; cada faceta tem uma natureza diferente e, portanto, demanda um tratamento diferente- um método diferente. Por isso é que, hoje, não se pode falar de *um método* para a aprendizagem do ler e do escrever, mas de *métodos* usados simultaneamente e de forma articulada.” (SOARES, 2011, p.134, grifo do autor)

Assim como o processo de aprendizagem da leitura e escrita é multifacetado também são os sujeitos que estão envolvidos neste, uma vez que cada um carrega dentro de si distintas experiências, vivências e habilidades. Com isso podemos inferir que não existem métodos bons ou ruins, o que existem são diferentes formas e estilos de aprendizagens, uma vez que os indivíduos apresentam distintas formas de aprender e compreender os conteúdos. Isso nos leva a refletir sobre a questão da inteligência, ou seja, como os indivíduos se desenvolvem e adquirem estratégias para aprender e assimilar o conhecimento.

Assencio-Ferreira (2009) em seu estudo retrata a teoria das inteligências múltiplas de Gardner que explana que possuímos oito tipos de inteligência que são: inteligência linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal, interpessoal, musical e naturalista. A seguir explicaremos resumidamente o que configura cada dessas inteligências.



A inteligência linguística se refere a capacidade universal para a fala, escrita e leitura, pessoas que possuem este tipo de inteligência gostam de contar histórias, ler e escrever. Elas aprendem melhor vendo, escutando e falando as palavras; esta forma de inteligência é geralmente encontrada em poetas, escritores, redatores de textos para jornais, oradores, líderes políticos e publicitários. A inteligência lógico-matemática envolve a capacidade de desenvolver raciocínios dedutivos, usar e avaliar relações abstratas, supõe a aptidão de analisar problemas de maneira lógica. Pessoas com esta inteligência gostam de realizar experiências, descobrir, fazer perguntas, explorar relações e trabalhar com números, este tipo de inteligência é normalmente encontrada em matemáticos, engenheiros e cientistas.

A inteligência espacial é caracterizada como a capacidade de perceber informações visuais ou espaciais, pessoas com essa característica gostam de construir, desenhar, criar coisas e adoram mapas e tabelas; são boas em imaginar coisas, em observar diferenças, labirintos e quebra-cabeças, elas aprendem melhor sonhando, visualizando e trabalhando com cores e fotos, comumente esta inteligência é vista em arquitetos, escultores, pintores, jogadores de xadrez e navegadores. A inteligência corporal-cinestésica envolve a habilidade de utilizar todo o corpo para expressar ideias e sentimentos. Inclui aptidões de coordenação, equilíbrio, força, flexibilidade, destreza, velocidade, capacidades auto perceptivas, táteis e percepção de medidas. Pessoas com esta inteligência são boas em atividades físicas, dança e atuação, elas gostam de se mover, tocar e falar utilizando a linguagem corporal, elas aprendem melhor processando o conhecimento através das sensações corporais, esta inteligência é habitualmente encontrada em atores, atletas, mímicos, bailarinos, pilotos de corrida e trabalhadores mecanicamente talentosos.

A inteligência intrapessoal se refere a capacidade de ter conhecimento sobre si mesmo, de conhecer e lidar com suas próprias emoções, de ter metas e objetivos a cumprir. Estas pessoas gostam de trabalhar sozinhas e persistem em seus próprios interesses, são boas em entender a si mesmas, enfocar seus sentimentos e sonhos; sendo originais, seguindo seus instintos e perseguindo seus objetivos. Pessoas com esta inteligência aprendem melhor sozinhas, com projetos individuais e tendo seu próprio espaço, geralmente esta inteligência é encontrada em terapeutas, conselheiros, filósofos, dentre outros.

A inteligência interpessoal envolve o relacionamento com o outro, pessoas com esta inteligência se relacionam bem com as outras pessoas e conseguem distinguir sentimentos pertencentes ao outro. Elas gostam de juntar-se a grupos e falar com pessoas, são excelentes

em liderar os outros, entender pessoas, organizando, comunicando e manipulando. Aprendem melhor comparando, dividindo, cooperando, relacionando e entrevistando; habitualmente este tipo de inteligência é encontrada em professores, líderes religiosos, políticos, gerentes e relações públicas.

A inteligência musical está relacionada a capacidade de produzir sons e ritmos; perceber, discriminar e transformar formas musicais, pessoas com esta característica gostam de tocar instrumentos, cantar e escutar músicas, são ótimas em assimilar sons, tons, ritmos e lembrar melodias. Aprendem melhor pela música, melodia e ritmo, geralmente esta inteligência é encontrada em afinadores de piano, compositores, maestros, artistas, entre outros. A inteligência naturalista envolve a perícia para reconhecer, distinguir e classificar espécies de animais, vegetais ou minerais. Inclui sensibilidade para organizar e compreender fenômenos e padrões da natureza. Esta inteligência tem origem no instinto de sobrevivência, na qual o homem pré-histórico dependia de uma percepção aguçada para identificar na fauna e flora o que podia ser ingerido ou não, geralmente esta inteligência é encontrada em mateiros, arquitetos e paisagistas.

Com isso podemos concluir que o trabalho do educador deve ser feito de maneira a desenvolver e potencializar os diferentes tipos de inteligências, porém o que temos visto nas escolas e, sobretudo tudo nos currículos é a valorização de alguns tipos de conhecimentos e inteligências em detrimento de outras. Com base nessa assertiva, podemos dizer que os alunos que apresentam dificuldades para aprendizagem tendem a ser desvalorizados justamente por conta das suas dificuldades estarem em áreas que são mais valorizadas socialmente e academicamente.

Sob este aspecto as crianças com dificuldades para aprendizagem,

[...] cujos cérebros desenvolvem-se desigualmente, às vezes, desenvolvem qualidades e talentos incomuns. Thomas Edison e Albert Einstein estão entre os gênios que tiveram problemas de aprendizagem; a lista de celebridades nos esportes, nos negócios, na política e nas artes que tiveram sérias dificuldades com a leitura, com a escrita ou com a matemática na escola é longa. Os pais e os educadores observam que as crianças com problemas de aprendizagem são, com frequência, excepcionalmente criativas. Já que as soluções tradicionais nem sempre funcionam para elas, tornam-se inventivas na elaboração de suas próprias soluções. (SMITH; STRICK, 2012, p. 27-28)

Nesse sentido para além de um trabalho que favoreça o desenvolvimento das diferentes inteligências, é preciso considerar que não existe um único caminho para a aprendizagem e para a resolução de problemas. Assim, o docente deve estar atento a estas questões de modo a valorizar as diferentes maneiras que os alunos aprendem, buscam e encontram para solucionar as questões que são postas e impostas a eles.

Diante disso, professor e estudante podem reconhecer que todas as pessoas têm sua própria forma de aprender, sendo que isso se constitui numa característica humana. E, principalmente, admitir que a criança rotulada como ‘incapaz para a aprendizagem’ pode possuir inteligências que, se forem devidamente reconhecidas e estimuladas, contribuirão para o seu desenvolvimento global. (SILVA; PICCOLO, 2010, p.197)

Notamos que dentro do contexto educacional o que está ocorrendo é uma tentativa de padronização de maneiras de se desenvolver, pensar e agir, nesse sentido Almeida (2011, p. 23) alerta que

Os padrões são totalizantes e tendem a colocar todas as crianças em um único patamar, e é claro que isto não funciona, pois os indivíduos possuem condições orgânicas diferentes uns dos outros. Eles também possuem trajetórias e experiências de vida diferentes uns dos outros e, por fim, apresentam potencialidades muito distintas de seus pares de idade ou da mesma condição social.

Cabe ressaltar também o papel negativo que o erro tem ocupado na aprendizagem. Sabe-se que este faz parte deste processo e pode ser um indicador de onde estão as dúvidas e dificuldades dos alunos, contudo Sirino (2009, p. 95) considera que

Apesar de sabermos que o erro tem sua importância como parte do processo de aprendizagem, na sala de aula, não é permitido errar. Os erros não são tolerados, as hipóteses elaboradas pelos alunos que, se compreendidas, poderiam conduzi-los ao aprendizado, não são consideradas no processo ensino-aprendizagem. Assim sendo, aos poucos os alunos vão inculcando o medo de errar, pois sabem que o erro revela o não saber e isso tem consequências desagradáveis, pois aqueles que apresentam alguma dificuldade são rotulados como incapazes [...].

O que acontece é que o erro tem sido apenas considerado como uma forma de revelar um não saber e não como um aspecto que faz parte do desenvolvimento e da aprendizagem, afinal aprender não é sinônimo de ausência de erros, uma vez que estes fazem parte do processo e ajudam na construção do conhecimento e na formulação de hipóteses pelos alunos, além de ser um indicativo da maneira como o aluno está pensando e compreendendo os conteúdos. “Ao conceber o ‘certo’ como única possibilidade de o aluno expressar seu aprendizado, as professoras fazem avaliações pontuais e negativas do aprendizado deste, e assim tendem a criar obstáculos e inviabilizar outras possibilidades de construção de

conhecimento [...]” (SIRINO, 2009, p. 91). Nesse sentido, o erro deve ser visto de maneira mais natural para não criar rótulos e nem gerar nos alunos insegurança e medo, pois estes sentimentos tendem a inibir a aprendizagem.

Na maioria das vezes tendemos a avaliar e olhar o aluno em todos os aspectos e conhecimentos que lhe faltam e em tudo o que ele não consegue fazer. De acordo com Disner (2010), o professor não pode enfatizar somente as dificuldades dos alunos, pois esse procedimento não induz a mudanças na aprendizagem e, na verdade, pode gerar mais entraves e implantar o rótulo de que os estudantes não aprendem e não poderão aprender.

Percebemos assim que, as atitudes e maneiras que o professor estabelece no modo de lidar e agir com os alunos que possuem dificuldades irão determinar a relação que o aluno estabelecerá não só com o conhecimento, mas também com o professor. Uma vez que o professor ao demonstrar que não acredita no desenvolvimento do aluno este passará a duvidar de si mesmo ou a não acreditar também em si e como consequência ele terá menor interesse/vontade de participar da aula e deixará de fazer o melhor que pode nas tarefas escolares, pois já estará internalizada nele a concepção de que não importa o quanto tente e se esforce ele não irá conseguir aprender.

Nesse contexto, Osti e Brenelli (2012), com base em sua pesquisa realizada com professores da rede pública, explicitam que o grupo por elas entrevistados, representam de maneira diferente alunos com e sem dificuldades de aprendizagem, sendo que a família é uma das causas atribuídas a não aprendizagem. Quando o docente percebe a dificuldade, ele encaminha o estudante para um atendimento especializado, para as autoras essa atitude afasta a possibilidade de intervenção, uma vez que o docente passa a responsabilidade do auxílio à criança a outro profissional. As autoras ainda destacam que “é obrigação do professor avaliar sua prática com base no aluno, pois achar que o estudante não aprende faz com que professores e alunos tomem rumos distantes, afastando a possibilidade de uma relação dialógica.” (OSTI; BRENELLI, 2012 p.383).

O modo de agir do professor perante as dificuldades do aluno também irá determinar a maneira como os outros alunos irão interagir e enxergar os alunos que possuem dificuldades. Sob este aspecto faz-se necessário que o professor assuma a responsabilidade que lhe cabe para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades, pois mesmo que o aluno precise de um atendimento especializado isso não isenta o professor de seu compromisso e responsabilidade em ensinar aquele aluno, visto que “[...] é possível acolher

todas as crianças na escola quando se assume a responsabilidade pela aprendizagem de todos os alunos.” (CHALUH, 2009, p.82).

Devemos tomar cuidado para não acabar rotulando os alunos que possuem dificuldades para a aprendizagem, pois isso tende a dificultar ainda mais seu desenvolvimento e motivação em aprender, e isso também acaba interferindo em sua autoestima. Para que estes alunos possam avançar na aprendizagem é fundamental que o professor demonstre acreditar em sua capacidade e procure motivar o mesmo, buscando valorizar os conhecimentos que o aluno traz consigo e também ressaltar seus acertos, reconhecendo e percebendo não só o que lhe falta aprender, mas também o que ele pode e consegue fazer sozinho. Nesse sentido:

É muito importante identificar os pontos fortes dos estudantes com dificuldades de aprendizagem por várias razões. Em primeiro lugar, eles precisam usar seus pontos fortes para compensar as áreas fracas. Embora façam isso até certo ponto instintivamente, o processo de aprendizagem pode ser bastante simplificado se todos (em especial o aluno) entenderem de forma clara quais são seus pontos fortes. (Pode rapidamente ficar claro, por exemplo, que um aluno que tem dificuldades com a escrita, mas fala bem, deva começar ditando seus primeiros rascunhos das lições a alguém que escreva bem, a um gravador ou a um computador.) Em segundo lugar, a fim de manterem sua auto-estima, é importante que os estudantes com dificuldades obtenham amplas oportunidades de fazer o que conseguem fazer bem. A escola geralmente lhes dá muito tempo para a prática do que fazem mal, e, sem algum equilíbrio, essas crianças tendem a acabar se sentindo fracassadas. (SMITH; STRICK, 2012, p. 111-112)

É necessário também que o professor seja mais flexível na realização das tarefas para os alunos que possuem dificuldades, pois eles podem precisar adaptações ou de mais tempo para fazer as mesmas, ou ainda de mais explicações para conseguir compreender o que deve ser feito

As crianças com dificuldades de aprendizagem não conseguem se adaptar à rigidez na sala de aula. Para progredirem, tais estudantes devem ser encorajados a trabalhar à sua própria maneira. Se forem colocados com um professor inflexível em relação a tarefas e testes, ou que use materiais e métodos inapropriados às suas necessidades, eles serão reprovados. [...] também é verdade que os déficits tendem a apresentar uma melhora, ou mesmo a desaparecer, em aulas nas quais os professores criativos e flexíveis fazem um esforço para combinar as tarefas com os níveis de prontidão e os estilos de aprendizagem de seus alunos. Uma vez que as crianças típicas também desabrocham nessas aulas, parece justo dizermos que pelo menos parte da solução para a crescente demanda por serviços de educação especial seja uma melhora no planejamento do currículo e no treinamento dos professores.”( SMITH; STRICK, 2012, p.36)

Lembrando que no trabalho com qualquer aluno as atividades devem ser elaboradas e/ou adaptadas de modo que elas não sejam nem muito fáceis e nem muito difíceis para que dessa maneira o aluno não fique desestimulado.

Não procuramos aqui culpabilizar ou colocar o professor como único responsável pelo trabalho e aprendizagem dos alunos com dificuldades, uma vez que “as investigações sobre as causas dos problemas e/ou dificuldades de aprendizagem passam pela política e legislação educacional, formação, valorização e condições de trabalho dos professores.” (GARCIA, L., 2010, p.31). Nesse sentido para que a aprendizagem dos alunos e o trabalho do professor sejam desenvolvidos com maior qualidade é necessário que haja um maior investimento de políticas públicas que trabalhem em favor da valorização e formação da carreira docente, invistam em melhores estruturas dos prédios das escolas e em materiais para o ensino; além disso, outros fatores que dificultam o trabalho do professor e comprometem a aprendizagem dos alunos são as salas de aulas superlotadas e a sobrecarga de trabalho dos docentes.

A fim de obter progresso intelectual, as crianças devem não apenas estar prontas e ser capazes de aprender, mas também devem ter *oportunidades* apropriadas de aprendizagem. Se o sistema educacional não oferece isso, os alunos talvez nunca possam desenvolver todas as suas habilidades, tornando-se efetivamente ‘deficientes’, mesmo que não tenham problemas neurológicos. Infelizmente, muitos alunos precisam lutar para dar o melhor de si sob condições abaixo do ideal nas escolas do nosso país. (SMITH; STRICK, 2012, p.35, grifo do autor)

Outro aspecto que merece ser destacado é que geralmente quando a criança apresenta dificuldades para aprendizagem do conteúdo escolar a culpa por essa não aprendizagem recai também sobre a família do aluno, “naturalmente, a vida familiar de uma criança exerce influência sobre sua expectativa e atitude para com o uso do material escrito, podendo justificar o fracasso escolar em grande parte, mas isso não é determinante.” (CASTRO, 2011, p.76). O fato da criança não ter se desenvolvido em um ambiente estimulante e não ter tido contato com diferentes materiais portadores de texto, não significa que somente por conta deste fator ela não conseguirá aprender a ler e a escrever, pois mesmo que ela não tenha tido um ambiente familiar propício para o seu desenvolvimento, a escola como instituição social deve proporcionar ao aluno o contato com estes materiais e com o conhecimento sistematizado.

Para que os alunos com dificuldades possam se desenvolver da melhor maneira possível é necessário que cada profissional envolvido no trabalho com estes alunos faça sua

parte, lembrando que a família também tem um papel fundamental para a aprendizagem deste alunado, contudo:

[...] mesmo a participação da família no processo de aprendizagem sendo imprescindível, frequentemente os pais têm apenas uma noção intuitiva sobre o seu real papel e a importância do apoio que podem oferecer a seus filhos no enfrentamento dos desafios escolares. (GUIDETTI; MARTINELLI, 2009, p. 288)

Para além de proporcionar um ambiente estimulante “[...] os pais e a família podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de competências interpessoais que favorecem a socialização ou vice-versa.” (BAGGIO, 2010, p. 30).

Mediante o exposto percebemos que o processo de aprendizagem envolve vários aspectos implícitos e explícitos, sendo assim:

A educação deve tratar o ser humano em toda sua dimensão, tendo como foco o indivíduo, rompendo com uma visão reducionista de aprendizagem, DA [dificuldade de aprendizagem] e Inteligência. Além disso, não se pode ter uma visão que enfatiza a responsabilidade do sucesso da aprendizagem sobre a criança, ou sobre o professor. Pode ser que a responsabilidade do insucesso da aprendizagem seja de todo um Sistema Educacional e nessa dura realidade, o professor torna-se o grande vilão da aprendizagem, e o papel de vítima é do aluno. (SILVA; PICCOLO, 2010, p.207)

### **3.2 Possibilidades de intervenção para as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**

Apresentarei aqui dados relativos a algumas atividades que foram desenvolvidas com um grupo de crianças que participam do projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) campus de Rio Claro intitulado “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem”. Estes dados se referem a atividades que foram desenvolvidas juntamente com alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Rio Claro que foram apresentados pela escola como alunos com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, no contexto do projeto supracitado.

Nesta escola no ano de 2014 estavam matriculados um total de 450 alunos, sendo que dentre estes, 108 apresentavam algum tipo de dificuldade de aprendizagem, o que corresponde a 24% dos alunos. Destes 108 alunos que apresentavam dificuldades 26 estavam matriculados no primeiro ano, 23 no segundo, 13 no terceiro, 26 no quarto e 20 no quinto. As



dificuldades dos alunos vão desde o processo inicial de alfabetização com dificuldades para reconhecer as letras, grafá-las e organiza-las no espaço da linha do caderno; outros alunos apesar de já estarem alfabetizados tem dificuldade com a leitura e compreensão dos textos lidos, apresentam um pequeno repertório para a construção de textos e também possuem dificuldades para elaborá-los de forma coerente e coesa.

A atividade a seguir foi desenvolvida com um aluno do terceiro ano, na qual foi realizado um ditado de campo semântico. Este ditado é composto por dez palavras e se inicia com palavras polissílabas, seguidas de palavras trissílabas, dissílabas e por fim palavras monossílabas. O campo semântico escolhido foi “objetos do material escolar” por este conter palavras e objetos conhecidos pelo aluno e por estas pertencerem e estarem envolvidas em seu cotidiano.

**Figura 1-** Ditado de campo semântico.



**Fonte:** Documento do acervo de projeto de extensão universitária.

Neste ditado as palavras que não foram escritas corretamente foram: apontador que foi escrito APODADO, ele fez a omissão da letra N e R e trocou a letra T pelo D; calendário foi escrito CALEDAIRO, temos aqui a omissão da letra N e a inversão da posição da letra I; carteira foi escrito CATEIRA, o aluno fez a omissão da letra R; borracha foi escrito



BORASA, ele fez a omissão das letras C, H, R e fez a inclusão da letra S, a qual não é utilizada para escrever esta palavra; caderno foi escrito CADANO, houve a omissão da letra E e R e foi incluída uma segunda letra A que não é necessária para a escrita dessa palavra; livro foi escrito LIRO, ele fez a omissão da letra V; lápis foi escrito LASI, o aluno omitiu a letra P e inverteu a letra S de posição; giz foi escrito JIS, houve a troca da letra G pelo J e da letra Z pelo S.

Ao realizar este tipo de atividade diagnóstica recomenda-se que as palavras ditadas sejam do mesmo campo semântico, pois quando a criança ouve a palavra, ela tenta construir mentalmente a imagem da mesma e por conta disso no início da alfabetização é recomendado que utilizemos esse tipo de ditado, pois assim fica mais fácil da criança fazer esta construção mental. Se ditarmos palavras que não pertencem a um mesmo grupo isso poderia confundir a criança, uma vez que ela teria que buscar várias imagens mentais diferentes ao mesmo tempo. Com esta atividade também podemos ver o nível de escrita em que a criança se encontra, apesar de apresentar algumas dificuldades em relação a ortografia o aluno produziu uma escrita inteligível e demonstra compreensão do modo como nosso sistema de escrita funciona, por isso este aluno apresenta uma hipótese alfabética da escrita.<sup>1</sup>

Sisto (2011) no livro “Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico” apresenta um instrumento pedagógico de avaliação intitulado ADAPE (Avaliação de Dificuldades na Aprendizagem da Escrita) que detecta as dificuldades de escrita mais comuns em crianças do Ensino Fundamental. Este instrumento é composto por um texto que é constituído por 114 palavras, das quais 60 apresentam algum tipo de dificuldade e 54 não. Ele também avalia o uso correto de parágrafos e da letra maiúscula. A seguir veremos na íntegra o texto desse instrumento de avaliação

---

<sup>1</sup> Esta classificação foi feita com base na Psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky

### Uma tarde no campo

José ficou bastante alegre quando lhe contaram sobre a festinha na chácara da Dona Vanda. Era o aniversário de Amparo.

Chegou o dia. Todos comeram, beberam e fizeram muitas brincadeiras engraçadas.

Seus companheiros Cássio, Márcio e Adão iam brincar com o burrico. As crianças gostam dos outros animais, mas não chegam perto do Jumbo, o cachorro do vizinho. Ele é mau e sai correndo atrás da gente.

Mário caiu jogando bola e machucou o joelho. O médico achou necessário passar mercúrio e colocou esparadrapo.

Valter estava certo. Foi difícil voltar para casa, pois estava divertido.

Pensando em um dia quente de verão, tenho vontade de visitar meus velhos amigos. (SISTO, 2011, p. 198)

As dificuldades das palavras do texto estão classificadas como:

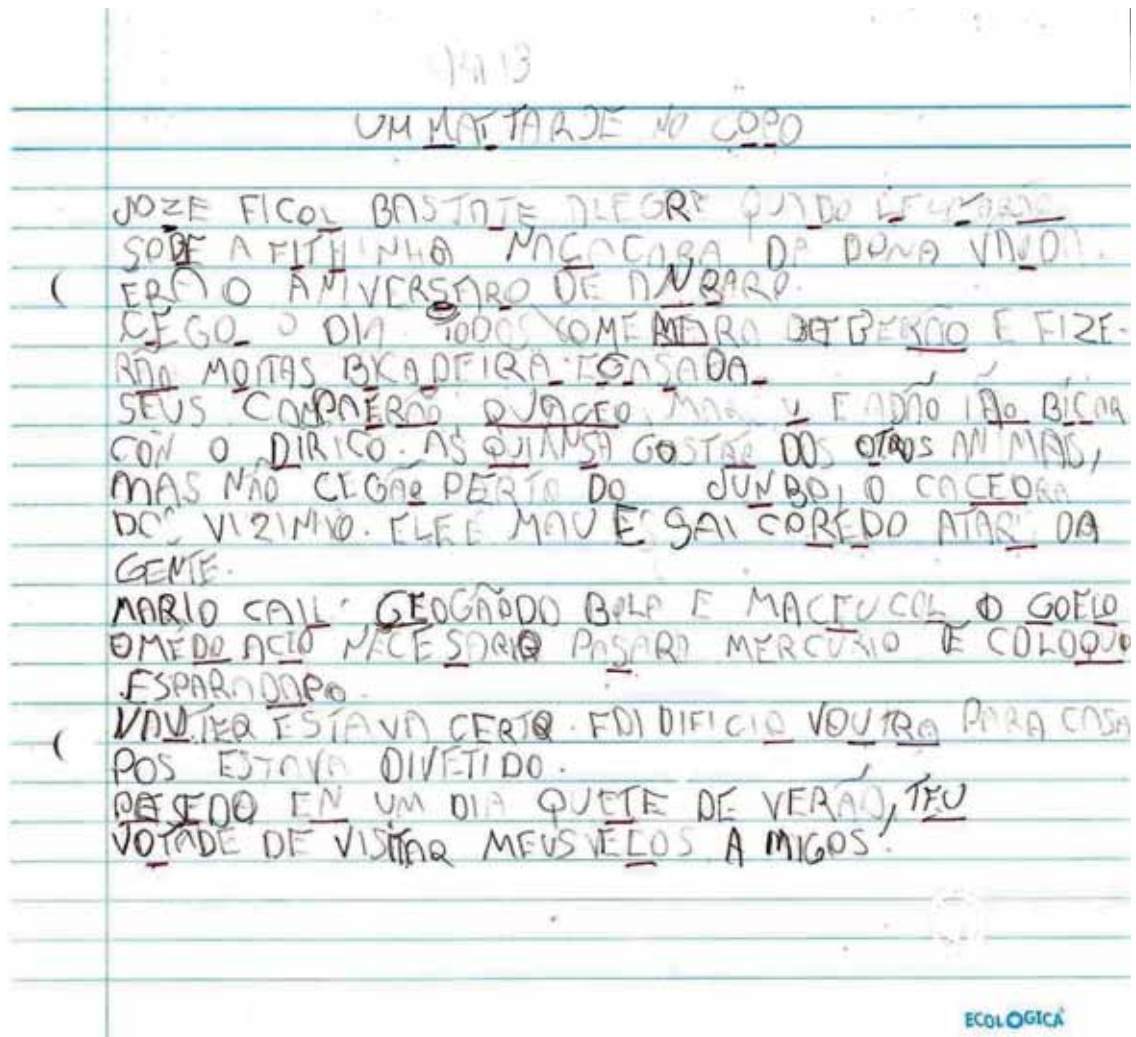
- encontro consonantal: **tarde**, **campo**, **bastante**, **bastante**, **quando**, **contaram**, **festinha**, **Vanda**, **aniversário**, **Amparo**, **brincadeiras**, **engraçadas**, **esparadrapo**, **jogando**, **mercúrio**, **companheiros**, **Márcio**, **brincar**, **crianças**, **gostam**, **perto**, **Jumbo**, **correndo**, **gente**, **Valter**, **estava**, **certo**, **voltar**, **divertido**, **pensando**, **pensando**, **quente**, **vontade**;
- dígrafos: **quando**, **lhe**, **festinha**, **chácara**, **chegou**, **machucou**, **joelho**, **achou**, **necessário**, **passar**, **burrico**, **companheiros**, **Cássio**, **cachorro**, **cachorro**, **vizinho**, **chegam**, **correndo**, **quente**, **velhos**, **tenho**;
- sílabas compostas: **alegre**, **sobre**, **brincadeiras**, **esparadrapo**, **crianças**, **brincar**, **outros**, **engraçadas**, **atrás**;
- sílabas complexas: **José**, **sobre**, **engraçadas**, **necessário**, **seus**, **Márcio**, **Adão**, **crianças**, **não**, **sai**, **gente**, **difícil**, **certo**, **casa**, **pensando**, **verão**, **visitar**, **aniversário**. (SISTO, 2001, p. 197, grifo do autor).

O ditado desse texto, como visto, implica na escrita de palavras que apresentam diferentes dificuldades e exige da criança o entendimento e compreensão fonológica. Depois do ditado escrito, podemos avaliar quais são as trocas, inversões e outros tipos de observações, que nos indicam, quais são as reais dificuldades na escrita da criança, o que

facilita o planejamento e direcionamento de atividades específicas para a intervenção pedagógica.

A aplicação desse instrumento de avaliação foi feita em um aluno do quinto ano e pode ser observado na figura dois.

**Figura 2-** Ditado ADAPE.



**Fonte:** Documento do acervo de projeto de extensão universitária.

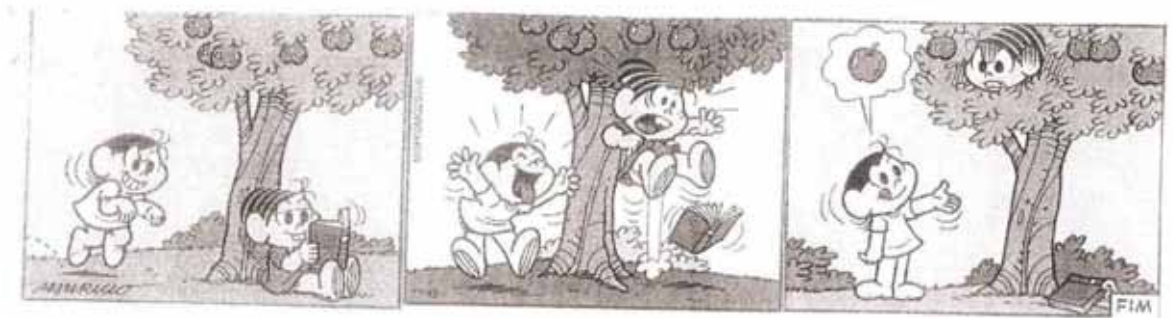
Inicialmente, podemos dizer que visualmente, a estrutura do texto, para um aluno do 5º ano do ensino fundamental não está muito adequada. Pode-se observar que o aluno não faz uso da paragrafação, o que, para esse ano escolar, já deveria ser um conteúdo aprendido.

Em relação a escrita propriamente dita, o aluno apresentou um total de 55 erros, que incluem desde a omissão de letras e parágrafos, troca fonética, dificuldades com sílabas complexas e encontros consonantais, dentre outros. Segundo este teste a quantidade de erros

que o aluno apresentou configura uma dificuldade de aprendizagem na escrita acentuada. Segundo o protocolo de avaliação desse ditado, para que o discente fosse considerado sem indícios de uma dificuldade de aprendizagem ele precisaria ter cometido até 10 erros, para uma dificuldade leve de 11 a 19 erros, para uma dificuldade média de 20 a 49 erros e para uma dificuldade acentuada de 50 ou mais. Outro aspecto que chama a atenção é o fato do aluno estar no quinto ano e ainda apresentar uma escrita em letra de fôrma.

A próxima atividade também foi realizada com um aluno do quinto ano que tinha dificuldades para desenvolver sua escrita e realizar leituras com compreensão. Foi entregue a criança uma sequência de história em quadrinhos. Esta sequência estava embaralhada, então solicitou-se que ele a colocasse na ordem correta e posteriormente escrevesse uma história a partir daqueles quadrinhos. Atividades como esta possibilitam avaliar se a criança consegue se organizar e se ela tem noção espacial e temporal, pois esta é muito importante para a construção de textos. A criança deve saber que um texto deve ter começo, meio e fim. Essa atividade auxilia também para a escrita do aluno uma vez que ela conta com o apoio de um recurso visual que são os quadrinhos da história.

**Figura 3-** Escrita a partir da organização temporal de uma história em quadrinhos.



**Fonte:** Documento do acervo de projeto de extensão universitária.

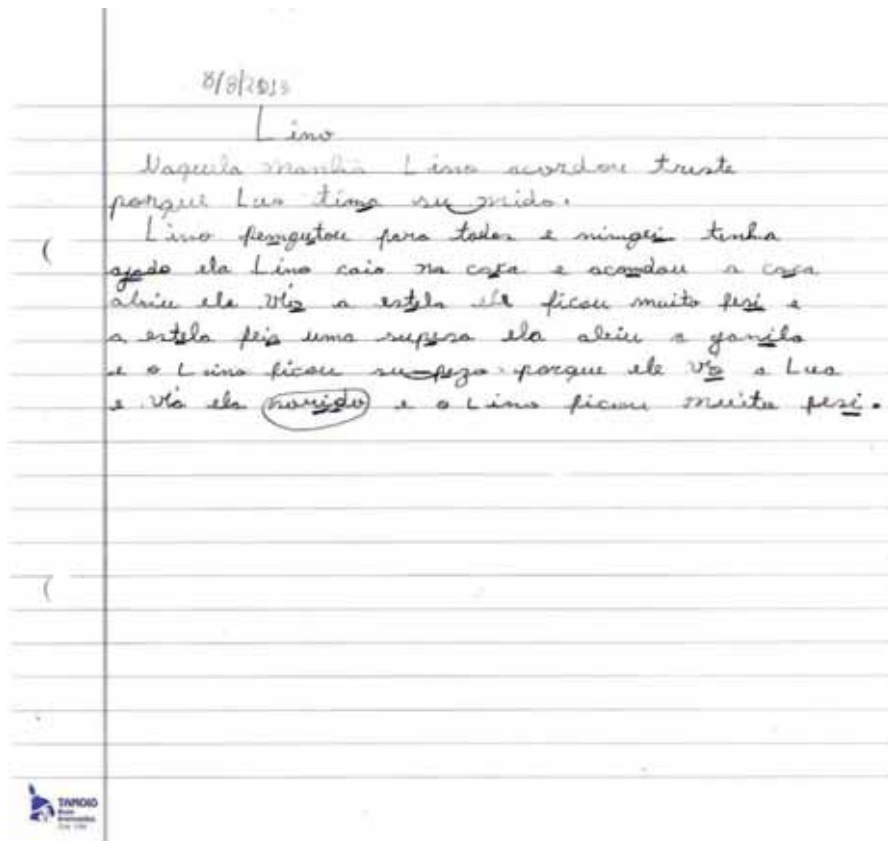
O aluno não apresentou dificuldades para a organização temporal dos quadrinhos da história, e cometeu apenas alguns erros em sua escrita, como por exemplo: escreveu FES e MAÇAM, ao invés de FEZ e MAÇÃ, esquecendo-se também de acentuar a palavra árvore, a palavra até e o nome da personagem Mônica. Podemos notar ainda, que na primeira linha no início do parágrafo o aluno ao invés de utilizar letra maiúscula utilizou a minúscula, e na fala da personagem Magali ao invés de recorrer ao travessão para representar a fala da mesma, ele continuou o texto de forma corrida na mesma linha. Nota-se aqui a falta de um entendimento dos elementos básicos que constituem um texto com diálogos. Apesar dessas observações, a

escrita e o desenvolvimento da história foram feitas de forma coerente tendo um começo, meio e fim, sendo que o uso do recurso visual das tirinhas facilitou o desenrolar da escrita de forma coesa.

A atividade subsequente foi realizada com um aluno do quarto ano, na qual foi feita a leitura do livro “Lino” de André Neves. Este livro retrata a história de um porquinho que tinha uma amiga chamada Lua, que era uma coelhinha branca com uma luz branca que acendia em sua barriga, os dois moravam em uma loja de brinquedos, mas um dia Lua sumiu e Lino ficou triste, pois não a achava. Até que um dia ele foi comprado por uma menina chamada Estrela, que passou a brincar com ele. Em uma noite Estrela faz uma surpresa para Lino e os dois vão observar a lua no céu e Lino fica feliz, pois acredita estar revendo sua amiga Lua e fica alegre por ela estar bem e feliz.

Após a leitura do livro foi solicitado à criança que recontasse o que se lembrava da história oralmente, nesse momento a criança conseguiu recontar a história de forma coerente, lembrando inclusive de vários detalhes da mesma. Em seguida foi pedido que a partir da leitura e do relato que ela havia feito de forma oral, ela fizesse agora um registro escrito da mesma. Foi observado que o aluno não teve dificuldades para resgatar de sua memória os acontecimentos da história quando a recontou oralmente, no entanto, quando foi requisitado que escrevesse a história, a dificuldade apareceu, pois além de lembrar os acontecimentos ele teve que prestar atenção nas palavras que seriam escritas e frases que seriam formadas.

**Figura 4** – Reconto da história Lino de André Neves.



**Fonte:** Documento do acervo de projeto de extensão universitária.

Neste reconto, algumas palavras não foram escritas corretamente. Destacamos abaixo as mesmas na ordem em que aparecem no texto:

- “tinha”, foi escrito TIMA, ele acrescentou a letra M que não utilizamos para escrever essa palavra e omitiu as letras N e H;
- “sumido” ele escreveu SU MIDO, a criança utilizou as letras certas para escrever esta palavra, contudo o erro aparece aqui devido ao fato da criança ter separado a palavra;
- “perguntou” ele escreveu PEMGUTOU, aqui ele omitiu a letra R, inverteu a letra M de posição e também omitiu a letra N;
- “ninguém” ele escreveu NIMGEI, ele inverteu a letra M de posição, omitiu as letras N e U e acrescentou a letra I que não é utilizada na escrita dessa palavra;
- “achado” ele escreveu AJADO, aqui o aluno acrescentou a letra J que não é utilizada na escrita dessa palavra e omitiu as letras C e H;
- “caixa” ele escreveu CAXA, aqui houve a omissão da letra I;



- “acordou” ele escreveu ACOMDOU, o aluno omitiu a letra R e acrescentou a letra M que não é usada na escrita dessa palavra;
- “viu” ele escreveu VIO, aqui ele fez a troca da letra U pela O;
- “estrela” ele escreveu ESTELA, aqui ele omitiu a letra R;
- “fez” ele escreveu FEIS, omitindo assim a letra Z e acrescentando as letras S e I que não são usadas na escrita dessa palavra;
- “surpresa” o aluno escreveu SUPESA, omitindo as duas letras R da palavra;
- “janela” ele escreveu JANILA, aqui ele acrescentou a letra I que não é usada na escrita dessa palavra e omitiu a letra E;
- “surpreso” ele escreveu SU PEZO, omitindo as duas letras R da palavra, acrescentando a letra Z que não utilizada na escrita dessa palavra e ele também separou a escrita da palavra;
- “sorrindo” ele escreveu SORIDO, ele omitiu uma letra R e também omitiu a letra N;
- “feliz”, a criança escreveu FESI, omitindo assim as letras L e Z e acrescentando a letra S, que não é utilizada na escrita dessa palavra.

Notamos aqui certo padrão nos erros do aluno, pois nas duas vezes em que ele escreveu a palavra caixa ele omitiu a letra I escrevendo assim CAXA, na escrita da palavra viu também ocorreu este padrão e nas duas vezes o aluno escreveu VIO. Este tipo de erro aconteceu igualmente com a palavra estrela, a qual o discente escreveu duas vezes ESTELA, isso também aconteceu com a palavra feliz, na qual o aluno escreveu as duas vezes como FESI. Analisando a escrita do aluno percebe-se que de maneira geral apesar do discente não ter conseguido desenvolver muito a sua escrita ortograficamente, ele produziu um texto com começo, meio e fim, contudo podemos perceber que falta um pouco de coerência e coesão em sua escrita.

Em um de seus estudos, Zorzi (2009) propõe algumas possibilidades de intervenções para crianças que possuem dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita. O objetivo destas atividades é desenvolver na criança a capacidade para segmentar as palavras em unidades cada vez menores. Para isso parte-se da palavra como um todo e dá-se início a uma primeira segmentação em nível de sílabas, fazendo com que a criança identifique quais são e quantas são. Adquirida esta habilidade, passa-se a dirigir a atenção da criança para a percepção e identificação dos fonemas. O autor cita que uma prática comum para o ensino de segmentar as



palavras é bater palma para cada uma das sílabas, contudo ele alerta que este tipo de atividade não ensina a criança a segmentar as palavras, pois esta requer de antemão que a criança já possua um procedimento de segmentação e contagem de modo que ela possa realizar a correspondência solicitada.

Além do mais, tendo pronunciado a palavra e batido as palmas correspondentes, nada mais resta, sendo que qualquer análise subsequente dependerá exclusivamente de a criança ter retido a palavra, as sílabas, e o número de palmas na memória. No caso de algum déficit nestas habilidades envolvendo a memória, corremos o risco de ver uma criança que sequer se lembra das palavras que foram apresentadas. (ZORZI, 2009, p.167)

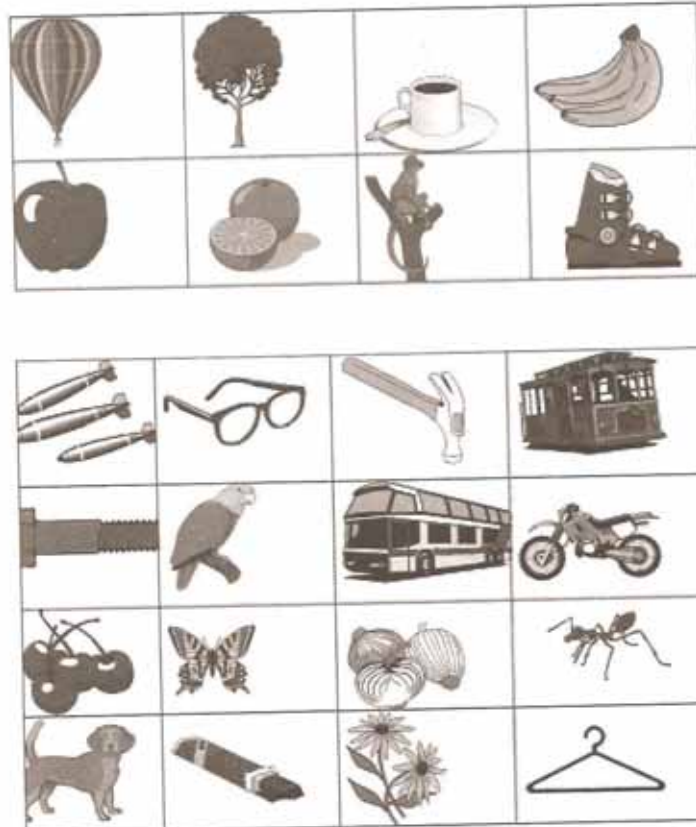
Nesse sentido o autor apresenta algumas estratégias para facilitar e garantir um procedimento eficaz de segmentação tais como: usar materiais concretos como figuras para serem nomeadas; pedir que a criança pronuncie lentamente o nome da figura; usar os dedos ou riscos em um papel ou na lousa para posteriormente recuperar a quantidade de sílabas; nomear e identificar isoladamente cada uma das sílabas de modo a se constatar quais são; ordenar as figuras de acordo com a extensão de seus nomes (lembrando que para isso é necessário selecionar figuras que tenham desde uma única sílaba até quatro ou mais). Classificar as figuras em grupos que possuam sílabas iguais, lembrando que neste momento o mais importante é o som da sílaba e não sua ortografia em si, por exemplo, as palavras cabeça, salada e passarinho possuem em comum a sílaba com som de SA; proporcionar a descoberta de outras palavras que possuam as mesmas sílabas de modo a ampliar a rede de relações fonológicas.

Também é proposta a realização de jogos de manipulação silábica que podem envolver:

- Tocar, com os dedos, ficha por ficha das palavras analisadas, pronunciando cada uma de suas sílabas, na ordem natural da fala;
- Pronunciar a sequência de sílabas de trás para frente e em ordem alternada;
- Retirar sílabas das palavras e verificar como ficam no caso de se pronunciar as sílabas restantes, apontando se faz ou não sentido, isto é, resultou em uma palavra conhecido ou não. Por exemplo, a sequência ‘ca-va-lo’, se tiramos o ‘va’ ficará ‘calo’;
- Acrescentar sílabas (colocando novas fichas e atribuindo um valor silábico a elas) às palavras que estão sendo analisadas e verificar o resultado. Por exemplo, para a sequência ‘ca-sa’, se acrescentarmos a sílaba ‘co’ ficará ‘ca-sa-co’;
- Inverter a ordem das sílabas e verificar o resultado. Por exemplo, a sequência ‘ca-va-lo’ poderia ficar ‘va-ca-lo’, ‘lo-ca-va’, ‘va-lo-ca’ ou ‘ca-lo-va’ ( ZORZI, 2009, p. 168).

Posteriormente o autor apresenta várias atividades com sílabas, juntamente com algumas instruções de como desenvolvê-las.

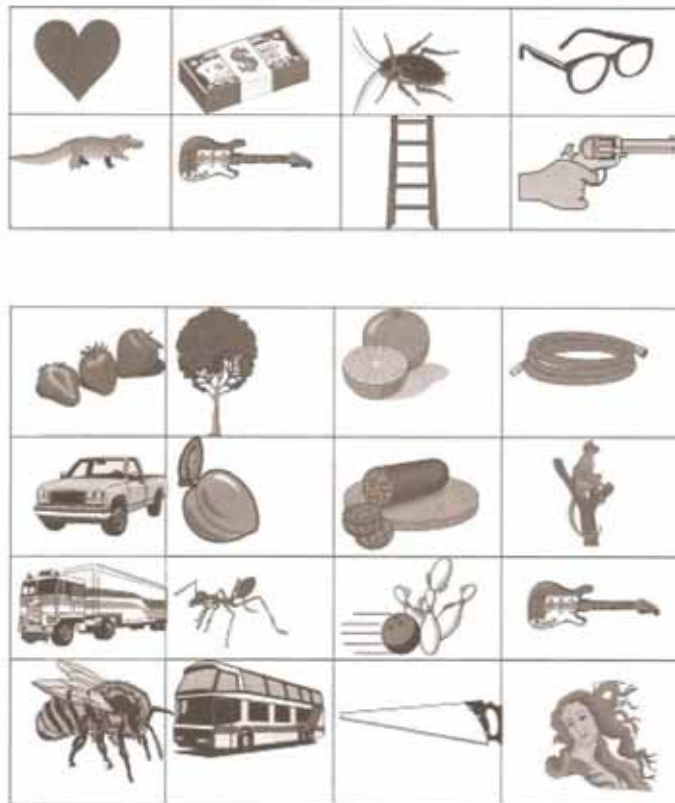
**Figura 5-** Atividade de identificação da sílaba inicial.



**Fonte:** Zorzi (2009, p. 169).

Nesta atividade o autor sugere que o adulto peça a criança que olhe e diga o nome da primeira figura, posteriormente solicita-se a criança que fale sílaba por sílaba da figura bem devagar, depois são apresentadas as outras três figuras e é questionado a criança qual daquelas figuras começa igual a primeira.

**Figura 6-** Atividade de identificação da sílaba medial.



**Fonte:** Zorzi (2009, p. 170).

Esta atividade pode ser desenvolvida de modo semelhante a anterior, contudo agora o foco está na sílaba do meio, então deve-se questionar e chamar a atenção da criança para a mesma, fazendo com que ela identifique a sílaba do meio e reconheça nas outras três figuras qual é a que possui a sílaba do meio igual a da primeira figura.

O autor ainda apresenta algumas atividades com rimas, pois em sua concepção elas são importantes, porque auxiliam a criança a constatar que diferentes palavras podem ter identidades sonoras, mesmo possuindo significados diferentes, ou seja, a parte final delas é a mesma.

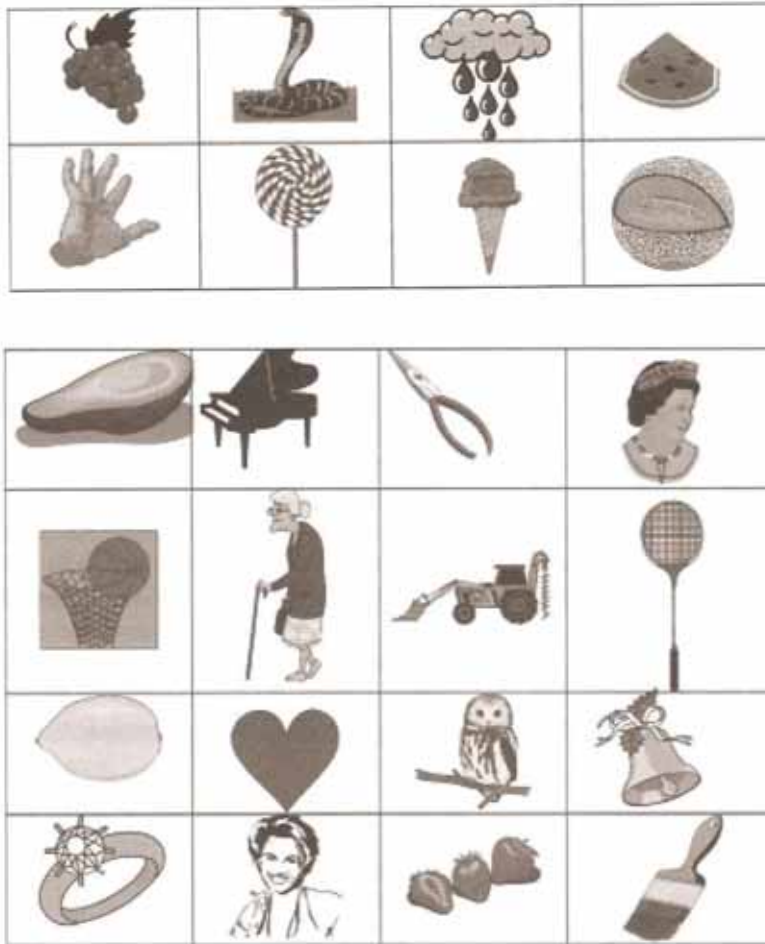
**Figura 7-** Atividade de detecção de rimas.

Magrinha / vizinha	Conde / bonde	Palma / calma
Vizinha / linha	Senta / venta	Mamão / sabão
Magrinha / onde	Tenta / onde	Sabão / calma
Onde / bonde	Tenta / senta	Janela / panela
Bonde / linha	Palma / mamão	Panela / linha
Linha / magrinha	Carro / barro	Barro / mamão
Jarro / carro	Jarro / senta	Chuva / uva
Luva / chuva	Chuva / vizinha	Barro / carro

**Fonte:** Zorzi (2009, p. 172).

Nesta atividade são apresentadas palavras duas a duas para a criança que deve ouvir e analisar o final das mesmas para ver se rimam ou não. Outra proposta de atividade consiste em dizer uma palavra a criança e esta deve assim dizer outra palavra que com ela rime. Esta atividade é complexa, uma vez que “[...] exige um processo de relacionamento mental entre uma palavra dada e outras que devem ser buscadas em seu léxico oral, tendo como base características fonológicas comuns.” (ZORZI, 2009, p. 172). Outra atividade que envolve o trabalho com rimas pode ser vista na próxima figura.

**Figura 8-** Atividade de comparar palavras que rimam.



**Fonte:** Zorzi (2009, p. 173-174).

Esta atividade é semelhante a outra que envolvia o trabalho com as sílabas, contudo agora o enfoque está na rima das palavras, ou seja, nas palavras que terminam com o mesmo som. Inicialmente pede-se que a criança diga o nome da primeira figura, depois é mostrado a ela outras três figuras e a criança deve reconhecer qual delas termina igual a primeira, ou seja que rima com a primeira.

As atividades aqui apresentadas tem o intuito de apenas oferecer algumas possibilidades para refletirmos como podemos desenvolver o trabalho com os alunos que possuem dificuldades, sendo que estas podem ser modificadas, alteradas ou aprimoradas de acordo com as necessidades e dificuldades específicas de cada aluno.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar o que é e o que caracteriza as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. Buscamos também refletir sobre como estas dificuldades tem sido concebidas pelos docentes e as possibilidades de trabalho do professor mediante estas dificuldades. Durante este estudo foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de verificar o que estava sendo produzido na comunidade científica em relação a esta temática, também utilizamos algumas atividades realizadas com crianças que possuem dificuldades para aprendizagem com intuito apresentarmos algumas possibilidades de trabalho pedagógico com estes alunos.

Observamos que as dificuldades de aprendizagem podem ser geradas tanto por fatores extrínsecos como intrínsecos ao ser humano, ou seja, para além dos aspectos psicológicos e biológicos ela envolve principalmente o ambiente no qual o sujeito está inserido, pois será o meio e os estímulos que irão determinar a dificuldade em maior ou menor grau da criança. Geralmente os cérebros das crianças com dificuldades tendem a ter um desenvolvimento e amadurecimento mais tardios (SMITH; STRICK, 2012), a isso soma-se o fato das escolas estabelecerem certos padrões para o desenvolvimento dos alunos e tudo o que não se encaixa neste padrão é considerado um “problema”. Assim, acabam sendo criados enganos, estigmas e rótulos, sobre os alunos que não aprendem no tempo predeterminado pela escola.

Estes enganos ocorrem principalmente pelo fato de que não é possível encaixar todas as pessoas em um padrão de desenvolvimento, uma vez que cada ser humano é singular em sua existência, experiência e possibilidades. Estes padrões tendem a ser totalizantes não deixando espaços para os alunos que precisam de mais tempo ou de outros recursos e meios para aprender.

Aprender a ler e escrever não é uma tarefa fácil, para que realizemos isso é necessário todo um conjunto de habilidades e conhecimentos que envolvem a coordenação motora, memória, orientação espacial, discriminação visual e auditiva, dentre outras. Além disso, quando fazemos uma leitura precisamos colocar em funcionamento vários processos e realizarmos várias conexões que são bem complexas. Geralmente as pessoas que já estão alfabetizadas não se dão conta deste fato, porque estes processos e conexões já se encontram internalizadas nas mesmas.

Todos nós possuímos facilidades ou dificuldades em aprender determinado conteúdo ou em adquirir certas habilidades, contudo devemos ressaltar que mesmo que haja algumas

dificuldades isso não quer dizer que nunca poderemos aprender. As dificuldades de aprendizagem podem se originar principalmente por uma falta de motivação ou inadequação a um método ou material de ensino. Devemos levar em conta que não existe uma única maneira, um único modo de caminhar para que a aprendizagem ocorra, cada aluno possui um ritmo e aprende de diferentes maneiras. Nesse sentido o professor deve realizar seu trabalho de modo a conseguir abranger todos os ritmos e modos de aprender de seus alunos, valorizando as diferentes maneiras que eles utilizam para encontrar as respostas das questões que são colocadas a eles.

As crianças tendem a responder emotivamente aos acontecimentos, sendo assim a relação que o professor estabelece com os alunos irá ditar o modo como estes discentes vão se enxergar e o modo como eles irão se relacionar com o conhecimento. Em relação às crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, estas tendem a ser desvalorizadas por conta de suas dificuldades estarem em áreas que são mais valorizadas socialmente, nesse sentido é fundamental que o professor demonstre acreditar na capacidade do aluno procurando trabalhar e ressaltar os acertos e pontos fortes dele.

Com este estudo podemos inferir que falta uma formação mais específica por parte dos profissionais da educação em relação a esta temática, pois ainda existe certa dificuldade dos docentes em compreender que a heterogeneidade faz parte de seu trabalho e que o processo de aprendizagem é individual e por mais que as crianças tenham a mesma idade cada uma irá se desenvolver em um tempo diferente e irá aprender de maneiras diferentes.

O que tem ocorrido é que ao invés de procurar adotar meios e recursos que possam auxiliar no desenvolvimento destes alunos, fica-se tentando encontrar um responsável pela não aprendizagem do mesmo, ora a culpa recai sobre o professor, ora no aluno, e ora em sua família. A escola como instituição social e a educação de um modo geral envolvem todo um conjunto de políticas públicas, profissionais de educação e as famílias que nela confiam seus filhos, sendo assim não adianta ficar procurando responsáveis para culpabiliza-los pelo fracasso que se tem obtido no processo de alfabetização dos alunos. O que se faz necessário é que cada parte envolvida nesse contexto assuma a responsabilidade por aquilo que lhe cabe.

Neste estudo notamos que apesar do grande número de publicações em relação a alfabetização poucas são as que tratam especificamente das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, o que nos indica que a literatura nesta área ainda é um pouco escassa.

Este trabalho foi fundamental para compreendermos melhor o que são dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e como elas têm sido entendidas, no entanto para um melhor aprofundamento sobre esta temática e um maior enriquecimento do estudo, seria interessante realizar entrevistas com professores e alunos para tomar conhecimento mais de perto sobre o modo como estes docentes concebem e trabalham com as dificuldades de aprendizagem e como estes alunos tem se enxergado dentro do espaço escolar.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. P. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wac, 2011.

ASSENCIO-FERREIRA, V. J. Organização funcional do cérebro no processo de aprender. In: ZORZI, J.L.; CAPELLINI, S. A. (Org). **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem**. 2. Ed. São José dos Campos: Pulso, 2009. p. 53-69.

BAGGIO, R. C. **Desempenho escolar e variáveis do contexto familiar**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000789332>> . Acesso em: 27 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

CASTRO, L. O Fenômeno do fracasso escolar e a aquisição do sistema de escrita: que relação é essa?. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, v.1, n. 2, p.69-77, jul/dez, 2011.

CHALUH, L. N. Grupo e trabalho coletivo na escola: trocando olhares, mudando práticas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 01, p. 63-84, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n1/04.pdf>> . Acesso em: 09 jul. 2014.

CORDEIRO, J. A escola e o Ensino: o núcleo da Didática. In:\_\_\_\_\_. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 13-39.

DISNER, M. P. R. **Implicações pedagógicas na apropriação da escrita por alunos identificados com dificuldades específicas de aprendizagem**. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/unesp/91185/disner\\_mpr\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/unesp/91185/disner_mpr_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> . Acesso em: 20 ago.2014.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GARCIA, L.C. **Dificuldades e/ou problemas de aprendizagem: Concepções e Práticas Docentes**. 2010. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia- Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, 2010. Disponível em: <[http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/tcc/bba/61074/2010/garcia\\_lc\\_tcc\\_bauru.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/tcc/bba/61074/2010/garcia_lc_tcc_bauru.pdf)>. Acesso em: 4 dez. 2013.

GARCÍA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

GIL, A.C. Delineamento da pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 64-74.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda**. [S.l.]: Cultural, 2009.

GUIDETTI, A. A.; MARTINELLI, S.C. Desempenho em leitura e suas relações com o contexto familiar. In: SANTOS, A.A.A; BORUCHOVITCH, E; OLIVEIRA, K.L (Org). **Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.283-309.

MAGALI. [S.l]: Globo; Maurício de Souza, nº 297, nov. 2000, p.34.

NEVES, A. **Lino**. São Paulo: Callis, 2011.

OLIVEIRA et al. Leitura e Desempenho Escolar em Alunos do Ensino fundamental. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.149-163.

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. Análise comparativa das representações de alunos e professores sobre as relações entre ensino e aprendizagem. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14,

n. 1, p.363-385, jan-jun. 2012. Disponível em:

<<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2341/pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

PAIM, Neiva Coelho. O conceber, o nascer, o permanecer. In: ASSIS, Mucio Camargo; ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de (Orgs.). **PROEPRE: Fundamentos teóricos e prática pedagógica para a educação infantil**. Campinas, SP: FE-LPG-Unicamp, 2002. p. 69-93.

ROTTA, N.T. Dificuldades para a aprendizagem. In: ROTTA, N.T. **Transtornos da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.113-123.

SILVA, V. L. T.; PICCOLO, V.L.N. Dificuldade de aprendizagem na perspectiva das inteligências múltiplas: um estudo com um grupo de crianças brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, p. 191-211. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rpe/v23n2/v23n2a09.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

SIRINO, M. F. **Processos de exclusão intra - escolar** : os alunos que passam sem saber.

2009. 234 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000476393>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

SISTO, F. F. Dificuldade de aprendizagem em escrita: um instrumento de avaliação (ADAPE). In: SISTO, F.F; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L.D.T.; BRENELLI, R. P.; MARTINELLI, S. C. (Org). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 190-213.

SMITH, C; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de a-z**: guia completo para educadores e pais. Ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

SOARES, M. B. Alfabetização e letramento: a questão dos métodos. In: AZEVEDO, J.; DIAS, R. (Org). **Educação e diálogo**: Encontros com educadores em Várzea Paulista. Jaboticabal: Funep, 2011. p. 126-134.

ZORZI, J. L. A Alfabetização: uma proposta para ensinar Crianças com Dificuldade de aprendizagem. In: ZORZI, J. L.; CAPELLINI, S. A. (Org). **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita**: letras desafiando a aprendizagem. 2. Ed. São José dos Campos: Pulso, 2009. p. 149-193.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Osti (Orientadora)

---

Mariana de Barros Barbosa (Orientanda)